

COTIDIANO TEATRÁLICO

Germano Ehle

Somos amigos a ponto de comermos no mesmo prato, de dormirmos no mesmo quarto, de dividirmos os mesmos gostos, bem como de sermos generosos ao rirmos das piadas um do outro.

Algumas pessoas vão vivendo seu dia-a-dia, ora como fardo, ora como benção, quando então chega um momento avançado de anos de suas vidas no qual olham para si mesmas encarando suas solidões. Constatam que os seus não mais os cercam e vêm no isolamento uma espécie de conforto piedoso que muitos desacreditam existir. Contentam-se com os velhos amigos, cada vez mais velhos, por horror ao sentimento de esvaziamento do mundo que já lhe trouxeram a morte e o luto sempre implacáveis: cuidando de não ocupar inéditos espaços em novos seres, quando o seu próprio já tem tão próximo aos olhos o aniquilamento inevitável.

Sua atitude se me insinuou contraditória, pois a despeito de praticamente ser uma solidão senil e viva, o velho teve a bondade de adotar-me como filho, eu, que até então, nada era e que de tal auxílio carecia de todo. Na verdade nunca fomos bem “pai e filho”, mas éramos genuinamente amigos que se davam muito bem, companheiros, desde o primeiro contato.

“Olá, pequenino, que grata surpresa! Achei que tu fosses demorar ainda um bom bocado pra dar caras por cá, todavia me não pegou desprevenido! Tenho o prazer de batizá-lo...” principiou dessa forma, ou outra análoga, nosso primeiro diálogo, afetando uma pequena pausa, na qual aproveitei para olhar em volta

verificando se não há no recinto alguma espécie de sacerdote furtivo oculto n'algum canto. Já na ponta dos pés César arqueia sua testa e em um movimento zenital, a ponto de fazer sombra por de sobre mim, fala “Henrique...!” então já começo a divulgar o que me figura ser um olhar significativo, quando completa: “Um nome de Rei” e o olhar conclui por significar, “não vai perguntar a minha graça?”...

“E qual é sua graça?” – eu digo em resposta ao Olhar. “Eu sou o Velho César, muito gosto”, “Seu Dom César, me perdoe o senhor, porém, se devemos começar algo, aqui e agora, doravante donde for, saiba muito bem que esse negócio de batismo ainda é demasiado cristão para o meu gosto, mas o nome, sim, me agrada... muito gosto”. Interpelei assim, ou ainda mais curto e mais grosso ainda, um tanto eloquente, um tanto pedante, porque senão aquilo ali logo tava virando sacanagem, só que tirante a parte boa.

“Mas, me diz uma coisa, meu filho”, começou ele sorrateiro e precoce assim logo depois das primeiras luas que morávamos juntos, “é bem verdade aquilo que dizem...? ou você tinha antes de Henrique algum apelidinho com o qual designava a si próprio?”. Diversas vezes exercemos grande influência mnemônica um ao outro: “lembra quando eu te perguntei por que seu primeiro nome era Velho, aí tu me disse que significa carneiro em espanhol?” Óbvio que eu não acreditei! “...então, veja bem, em algum momento ao longo da sua vida você ganhou esse nome. O meu ponto de partida, meu nascimento, por assim dizer, foi no momento em que recebi o nome Henrique”. Cabia a mim também temperar uma explicação insípida com algum avoengo lugar-comum grego: “Henrique, César! Esse nome desenfurnou meus pulmões prúridos das soturnas águas do Letes”.

Usufruindo ele a condição de velho e eu a de enteado, rapidamente ou, como costumamos dizer, num átimo nos tornamos muito próximos e importantes um ao outro. Há dias nos quais ele singra o jardim, de um canto a outro. Vai maldizendo e arrancando ervas daninhas, as quais, se não contarmos com a palmeira e com algumas

orquídeas dependuradas no seu alto por pregos, são as únicas plantas que realmente prosperam em nosso jardim. Suspeito que isso se deva ao de fato não carecerem de meu esforço e nem do Velho C.. Nestes dias de apoquentamentos ele chega a tecer comigo narrativas intumescidas de intimidades secretas, longas_palrações estruturantes de Si mesmo, solilóquios sobre sua sufocante imersão na Vida e o seu conseqüente aprofundamento em se esquecer do Mundo, enfim, tudo aquilo que estamos acostumados e confortáveis em segredar de nós mesmos. O valor destas três coisas - o eu, a vida e mundo - não pode ser posto em questão (?). “Como você diria, pequeno H., minha Vida sempre salpicou por sobre meu mundo em mim sua terrível *aguá do Letes,*” etc etc etc.

Tenho uma cama menor ao lado da dele, de carvalho com roupa d’algodão. Dia e Noite não havia hora de dormir. “Sono de velho”, dizia o ancião, “um sono adquirido com o Tempo”, “Certamente...” assegurava-lhe eu. Uma mania estapafúrdia vem me aviltando o comportamento. Consiste em mesmo muitas vezes diante de sinuosos enunciados sinistros e sem sentido, e até mesmo antes destes seres concluídos, me escapar um “aham” ou um “sim sim” acompanhado de um balouçar irrefletido de cabeça para baixo e cima.

Nossas carências e desejos nos atravessam e ultrapassam de uma forma absurda. Você poderia negar que ao se ver desejoso de algo num momento e no outro instante satisfeito dele, o próprio valor daquilo que fora desejado é modificado em nós? Em todo caso, não sei você, mas eu, quando alguma coisa qualquer me apetece, e duma forma ou d’outra isso sempre acontece, assim que me tenho o desejo satisfeito, já passo a não dar tanto valor ao comprazimento que acabou de me tocar. Ainda antes de me acusarem de hipócrita ou coisa do tipo, declaro, sei que essa frase anterior é uma justificativa estúpida e doentia da pessoa insegura para uma tese que eu desenvolvi em minhas reflexões e leituras com o Velho. A tese é a seguinte: o agradar ao outro, no mais das vezes, é a satisfação mais fausta e duradoura que há de haver.

Em meu favor, tenho o fato de que somos seres de tal modo influenciados pela opinião alheia que, admitamos ou não, ela nos move mais do que a nossa própria.

Assim isso mais parece uma azeda filosofia das esperanças fanadas. Veja bem, é preciso ter consciência das coisas sem com isso permitir o perecimento do valor que elas tinham. Um paradoxo. Mas nos incomoda alma a seguinte questão: e se no momento em que erguêssemos as cortinas da aparência, e por de trás delas descobrirmos a pobre coisa-mesma, e ela for algo tão obscuro e merencório que dela nem sombras distinguirmos? Não emitindo nem refletindo luz nenhuma, sendo um tanto igualzinha ao Nada, sem tirar nem por... Uma coisa niilista, diriam alguns, ou o que é bem pior, diria eu, uma coisa sem graça. Só a aparência fascina, manter as aparências é manter fascínio do mundo o qual é ele mesmo próprio aparência, isto é, matéria. Há ilusões saudáveis, ainda que não haja eternas, que mesmo duram a vida toda. Se tudo que é aparecer se curva na direção do eu, logo o eu é a fonte por de onde tudo brota e se faz ser. Existe somente uma, segundo eu, forma de emendar-se de tal ilusão, a saber: saber de onde nós brotamos e se fazemos seres. Saber que não somos sementes que em algum momento foram fruto da árvore éramos - como parte - da qual caímos e nos divulgamos em outra árvore. Entre a natureza e nós não há parentesco nem distinção, eis a nossa remição! Essa é resumidamente a minha filosofia de aparência, que por mais vazia que posso ser para alguns, me *parece* verdadeira.

Há que admitirmo-nos não gozarmos um controle absoluto de nós mesmos. Porém a coisa piora muito de situação se ingenuamente pretendermos que possuamos alguma forma de controle em outra pessoa que não a nossa. Triste me faço quando penso na minha falta de comando próprio - meu corpo deseja e repugna coisas sem me consultar - e que meu mundo por enquanto se limita a essa exígua casa. Descobri que tenho uma doença escalafobética que me tolhe a liberdade de sair de casa ao mundo. O que há de haver comigo? Quando cheguei passei aqui muito tempo sem dar falta de transpor a casa - o próprio V.C. não fazia questão de sobrepujar os limites

destas paredes que me diminutam. Porém seu telefone tocou um dia e ele saiu apressado, me disse que precisava encontrar um antigo amigo que se achava na cidade com problemas. Disse-me como se falasse para si sem esperar resposta, menos ainda convidar-me ao passeio. “Por que não me levaste junto?” mais tarde eu inquiri. Ele explicou-me a tal doença, para mim até então oculta. Descobri também que não lido bem com a solidão, e ela passou a ser muito mais frequente. Uma espécie de tédio me abate de tal forma que não consigo sequer conter o meu pensar escabroso e o estouvamento de minhas ações. Seguro as pontas como posso para não sucumbir ao tédio e a inanição.

Hoje, o Velho César está afoito, mal conversa comigo, preparando a casa e a refeição para a Visita que vem vindo. Até que enfim conhecerei alguém que não o velho. Ele está elegante e eu mesmo estou de gravata. Batidas na porta. Ele caminha em minha direção, me levanta, me olha em olhos e diz, “Me deseje boa sorte:-”, no que repondo “boa sorte!”, não consigo acrescentar mais nada, é como se eu estivesse engasgado, ou desprovido de cordas vocais. Meus músculos não se comunicam mais com meus nervos, por mais nervoso que estou começando a ficar. Meus olhos arregalados não piscam, e o meu queixo caído. O mais degradante é que acaba de me largar às pressas dentro da caixa de madeira e, totalmente alheio à posse de minhas faculdades locomotoras, caio um tombo estúpido e acabo numa posição obscena com meus tornozelos por de trás da nuca e um punho meu em minha boca. Começo a raciocinar sobre o que me está acontecendo e faço a seguinte nota mental: “lavar melhor as mãos”.

Meia hora depois, considero-me sortudo pelo fato de não sentir meu corpo, já que nessa miserável posição ele (o meu corpo) deu um nó em si. Começo, aos poucos, a me apavorar pra caralho. Olhos abertos, assistindo ele agir como se eu não existisse, conversando com a, por mim agora apelidada, Cleópatra. Os dois se divertem e riem quando, depois de jantados, ele dirigindo-se a ela aponta em minha direção falando

“Tenho de te apresentar um amigo”. Eu não acredito no que esta acontecendo, meu corpo se move, sem eu ter o que ver com isso. Algo está errado, talvez seja eu mesmo, pois então estou muito errado! Começo a ver fios saindo de meus braços e pernas. Em frente à Cleópatra decadente palavras desprendem-se de minha boca, palavras usadas há uns dois dias atrás, e, então, César me responde a mesma velha resposta, e eu e o velho repetimos a conversa que antes tivemos sobre os cupins serem considerados entre os títeres e marionetes uma forma de hanseníase. Os dois riem da graça que encontram, enquanto eu só acho uma coisa perversa nisso. Um momento depois sou jogado novamente à caixa cheia de madeira contra qual me colido e produzo um som cavo.

Germano Ehle é pesquisador na área de filosofia, músico amador, amante da literatura e metalúrgico nas horas vagas. E-mail: germanoehle@gmail.com